

A SÍNDROME E



FRANCK THILLIEZ

# A síndrome E

TRADUÇÃO DE  
André Telles



Copyright © 2010 Fleuve Noir, département d'Univers Poche

TÍTULO ORIGINAL  
Le Syndrome E

PREPARAÇÃO  
Clarissa Peixoto

REVISÃO  
Suelen Lopes  
Camila Dias da Cruz

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T37s

Thilliez, Franck  
A síndrome E / Franck Thilliez ; tradução André Telles. -  
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.  
368 p. : 23 cm

Tradução: Le syndrome E  
ISBN 978-85-8057-323-7

1. Romance francês. I. Telles, André. II. Título.

13-1213.

CDD: 843  
CDU: 821.133.1-3

[2013]  
*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

A meus amigos e familiares



## I

**[S]**er o primeiro a chegar. Assim que bateu os olhos no anúncio, ainda de madrugada, Ludovic Sénéchal pegou a estrada e, num tempo recorde, percorreu os duzentos quilômetros que separam a periferia de Lille e Liège.

“Vendo coleção de filmes antigos 16mm, 35mm, mudos e falados. Todos os gêneros, curtas e longas-metragens, anos 1930 e antes. Mais de 800 rolos, sendo 500 de espionagem. Fazer oferta no local..”

Esse tipo de propaganda num site genérico da internet era bastante raro. Em geral, os proprietários dos filmes ou os vendiam em feiras de itens cinematográficos, como as de Argenteuil, ou leiloavam seus rolos de forma avulsa no eBay. Neste caso, o anúncio parecia se referir a uma geladeira velha e imprestável. Bom sinal.

Ludovic teve dificuldade para estacionar no centro da cidade belga e, depois de erguer um olho para o número da casa, apresentou-se ao morador, Luc Szpilman. Uns vinte e cinco anos, tênis Converse, óculos de surfista, camiseta dos Bulls. Piercings, também.

— Ah, sim, veio por causa dos filmes. Siga-me, é no sótão.

— Sou o primeiro?

— Os outros não vão demorar, recebi várias ligações. Não achava que fosse ser tão rápido.

Ludovic foi atrás dele. A casa tinha cores quentes e tijolos escuros. Todos os cômodos articulavam-se em torno do hall da escada, ponto central, iluminado por uma claraboia.

— Por que resolveu se desfazer desses velhos filmes?

Ludovic escolhera cuidadosamente as palavras. *Desfazer, velhos...* A negociação começara.

— Meu pai morreu ontem. Não deixou instruções precisas quanto ao que fazer com eles.

Ludovic delirava: nem tinha sido enterrado, o patriarca já fora usurpado de seus bens. E pior, aquele filho obtuso não via qualquer interesse em guardar longas-metragens que pesavam vinte e cinco quilos, quando era possível armazenar mil vezes mais imagens pesando mil vezes menos. Pobre geração sacrificada...

A escada era íngreme, de torcer o pescoço. No sótão, Szpilman acendeu uma lâmpada fraca. Ludovic sorriu, seu coração de colecionador disparado. Elas estavam ali, eficientemente protegidas da luz natural... Latas multicoloridas empilhadas em pequenas torres de vinte. A película cheirava bem, o ar circulava sutilmente por entre as prateleiras. Uma escada de rodinhas permitia alcançar os andares mais altos. Ludovic se aproximou. De um lado, os 35mm, volumosos, do outro, os 16mm, que o interessavam mais particularmente. As latas redondas estavam etiquetadas, arrumadas de forma cuidadosa. Clássicos do cinema mudo, longas-metragens da idade de ouro do cinema francês e, principalmente, filmes de espionagem, que ocupavam mais da metade das prateleiras... Ludovic pegou um nas mãos. *A grande ameaça*, de John Lee Thompson, um filme sobre a CIA e a China comunista. Uma cópia completa, intacta, preservada da umidade e da luz, qual um vinho raro. Havia inclusive medidores de pH nas caixas, a fim de controlar a acidez. Ludovic mal continha a emoção. Aquele tesouro, sozinho, deveria valer quinhentos euros no mercado.

— Seu pai era fã de filmes de espionagem?

— Mais que isso. Você ainda não viu a biblioteca dele. Teoria da conspiração, coisas do gênero... Simplesmente beirava a obsessão.

— Quanto quer por eles?

— Pesquisei na internet. No atacado, sairia por cem euros o rolo. Mas meu objetivo é me livrar de tudo o mais rápido possível, preciso de espaço. Então podemos negociar.

— É o que espero.

Ludovic continuou a garimpar.

— Seu pai certamente tinha uma sala de projeção privada...

— Sim, vamos reformá-la em breve. Desmontaremos a antiga e instalaremos uma nova. Tela LCD e home-theater de última geração. Aqui vai ser o lugar para eu ensaiar com minha banda.

Escandalizado com aquela falta de respeito, Ludovic afastou-se um pouco, remexeu as pilhas, impregnou-se do aroma de películas. Descobriu Harold Lloyd, Buster Keaton, depois, mais adiante, filmes como *Hamlet* ou *Capitaine Fracasse*. Queria levar todos eles, mas seu salário de funcionário da previdência social e suas diversas assinaturas — namoro.com, provedor de internet, TV a cabo, a satélite — não lhe concediam senão, no fim do mês, uma apertada margem de manobra. Logo, precisava fazer uma triagem.

Aproximou-se da escada. Luc Szpilman advertiu-o:

— Tome cuidado nessa escada. Foi daí que meu pai caiu e rachou o crânio. Subir aí em cima com oitenta e dois anos, realmente...

Ludovic hesitou por um instante, mas decidiu prosseguir. Pensou no velho, cinéfilo apaixonado a ponto de ser morto pelos próprios filmes. Subiu até o topo, continuou suas buscas. Atrás de *Carta ao Kremlin*, numa prateleira oculta, descobriu uma lata toda preta, sem etiqueta. Equilibrando-se, abriu a tampa. No interior, à primeira vista, um curta-metragem, já que o rolo do filme não ocupava integralmente o espaço do estojo. Dez a vinte minutos de projeção, no máximo. Provavelmente um filme perdido, único, que o proprietário não conseguira identificar. Ludovic apoderou-se dele, desceu e colocou-o na pilha dos nove filmes *cults* já selecionados. Aqueles rolos anônimos sempre davam um tempero às sessões.

Ao virar-se para trás, demonstrou-se calmo, embora suas artérias estivessem em brasa.

— Infelizmente, a maioria dos filmes não vale grande coisa. Tudo que há de mais pasteurizado. Aliás... Está sentindo esse cheiro?

— Que cheiro?

— Vinagre. As fitas foram atacadas pela síndrome do vinagre; em outras palavras, têm muito pouco tempo de vida.

O rapaz avançou e cheirou.

— Tem certeza?

— Absoluta. Mas quero livrá-lo desses dez aqui. Trinta e cinco euros a unidade, acha razoável?

— Cinquenta.

— Quarenta.

— Fechado.

Ludovic estendeu um cheque de quatrocentos euros. No momento em que deixava o lugar, um carro com placa da França procurava uma vaga.

Sem dúvida, outro interessado.

Ludovic deixou sua cabine de projeção particular e acomodou-se, sozinho com uma lata de cerveja, num dos doze assentos em couro sintético, estilo anos cinquenta, resgatados por ocasião do fechamento do Rex, o pequeno cinema de bairro. Instalara uma verdadeira sala de cinema no subsolo de sua casa, que chamava de seu “cine-pocket”. Banquinhos, tablado, tela em lona tom de pérola, projetor Tri-Film Heurtier, estava tudo ali. Aos quarenta e dois anos, só lhe faltava uma companheira, a quem pudesse se enlaçar assistindo à versão original de ...*E o vento levou*. Mas por enquanto aqueles tristes sites de namoro só o haviam levado a namoricos ou fracassos.

Eram quase três da manhã. Saturado de imagens de espionagem e guerra, Ludovic fechou sua interminável sessão com o curta-metragem desconhecido, incrivelmente bem preservado. Aparentemente, tratava-se de uma cópia. Aqueles filmes sem título às vezes encerravam verdadeiros tesouros ou, contando com a sorte, obras perdidas de cineastas célebres: Méliès, Welles, Chaplin. O colecionador que habitava dentro dele adorava sonhar. Quando Ludovic desenrolou o início daquele filme anônimo para acoplá-lo ao projetor, leu, na fita, “50 fotogramas por segundo”. Aquilo era raro, a norma ditava 24 por segundo, ritmo mais do que suficiente para dar uma impressão de movimento. De toda forma, alterou a velocidade do obturador da máquina para adequar-se ao valor recomendado. Para não assistir ao filme em câmera lenta.

A alvura da tela deu lugar a uma imagem escura, sem título ou créditos. Um círculo branco apareceu no canto superior direito. Ludovic pensou tratar-se de um defeito de película, como costumava acontecer com os rolos antigos.

O filme começou.

Ludovic tentou escapar em direção ao corredor do prédio, mas caiu pesadamente.

Não enxergava mais nada, nem com as luzes acesas.

Estava cego.